



CAIO FERNANDO ABREU

TEATRO
COMPLETO

A

AGIR

TEATRO COMPLETO

CAIO FERNANDO ABREU

TEATRO COMPLETO

LUÍS ARTUR NUNES

MARCOS BRENDA

ORGANIZADORES

A

AGIR

S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO

Marcos Breda 7

PREFÁCIO

Luís Artur Nunes 9

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Luís Artur Nunes 13

Sarau das 9 às 11..... 15

Diálogos 31

A Comunidade do Arco-Íris 34

Pode ser que seja só o leiteiro lá fora 61

Reunião de família 97

A maldição do Vale Negro 147

Zona contaminada 179

O homem e a mancha 217

Fichas técnicas das montagens de estréia 259

Fotos 265

APRESENTAÇÃO

Este livro é filho de uma peça de teatro. Nasceu do processo de produção de *O homem e a mancha*, último texto teatral de Caio Fernando Abreu, escrito exatos dois anos antes de seu falecimento.

Foi meu primeiro monólogo como ator e minha primeira realização como produtor teatral, numa parceria com o diretor Luís Artur Nunes. Mas foi, antes de mais nada, nossa modesta homenagem póstuma a um amigo e, sobretudo, um escritor (e dramaturgo) genial.

Como bom virginiano, Caio sempre foi extremamente perfeccionista com sua obra. Revisou quase todos os seus escritos pouco antes de sua partida. Inclusive alguns textos inéditos, engavetados, reunidos no livro *Ovelhas negras*. Ele mesmo dizia: “Não quero que abram meu baú, após minha morte, e publiquem porcarias.” Caio antecipou-se, revisando e lapidando seus guardados, publicando-os e, posteriormente, dando fim aos escritos que - segundo sua opinião - não tinham valor literário.

Sua produção teatral, no entanto, ficou de fora desse *final cut*. E era por demais expressiva - em termos quantitativos e, principalmente, qualitativos - para ser deixada abandonada e dispersa. Eu e Luís Artur partimos para uma busca paciente e minuciosa e, ao cabo de alguns meses, conseguimos reunir e organizar toda a sua dramaturgia.

O livro teve seu lançamento marcado para a estréia de *O homem e a mancha*, no Teatro São Pedro, em novembro de 1996. Problemas com a antiga editora, infelizmente, atrasaram esta publicação. Que

acabou acontecendo, sem a devida pompa e circunstância, numa obscura semana do final de março de 1997...

É com imenso orgulho que vejo agora, 12 anos depois, o *Teatro completo* de Caio Fernando Abreu ganhar a publicação esmerada e cuidadosa que sempre mereceu, corrigindo alguns erros da edição anterior. É um livro destinado aos inúmeros apreciadores da obra de Caio e, principalmente, um livro para os amantes de teatro. De ótimo teatro, bem entendido. Longa vida ao teatro (agora sim, completo) de Caio Fernando Abreu.

Marcos Breda

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 2008

P R E F Á C I O

Caio Fernando Abreu é reconhecido como um dos ficcionistas mais brilhantes da literatura brasileira contemporânea. Poucos sabem, porém, que a ficção que escreveu não foi apenas narrativa, épica: contos, novelas e romances. Caio também cultivou a literatura dramática. Não me refiro aqui às várias adaptações feitas para a cena a partir de suas histórias, mas sim às peças de teatro, as que ele compôs diretamente para o palco, o palco que ele tanto amava. O significado e a repercussão da parte conhecida de sua obra eclipsaram essa segunda vertente, menor, mas não menos importante.

Caio sempre adorou teatro, via tudo, conhecia todo mundo da classe teatral. No entanto, foi mais do que um espectador aficionado: tornou-se um homem de teatro.

Não de imediato, porém. Nos fins da década de 60 era apenas o amigo querido da nova geração de atores e diretores de Porto Alegre, a sua geração, que se iniciava – assim como ele na literatura – na descoberta apaixonada de uma forma de expressão. Caio era dos que estavam sempre junto, nas salas de ensaio, nas salas de espetáculo, nas mesas de bar onde o assunto era teatro, teatro, teatro. Naquela época, cursávamos o CAD, o Curso de Arte Dramática da Faculdade de Filosofia da UFRGS. Não demorou muito e Caio tornou-se nosso colega. Não concluiria o curso, assim como também não concluiu o curso de Letras. Avesso à rigidez de programas, prazos e currículos, preferia passar pelas coisas como num vôo, num mergulho sem método, mas nem por isso menos alto e profundo. Lembro-me dele numa peça in-

fantil da escola, fazendo o papel de um vovô com uma barba branca de algodão...

Aliás, é interessante a significação que teve o teatro infantil para esse solteirão empedernido que detestava crianças (a quem costumava chamar de “crionças”, principalmente quando a algazarra atrapalhava seus preciosos momentos de criação). Ele excursionou vários meses pelo Rio Grande do Sul atuando na montagem do *Serafim-fim-fim* de Carlos Meceni, junto de Suzana Saldanha, Nara Keiserman e José de Abreu. A peça era uma recriação de *Chapeuzinho Vermelho*, e Caio fazia justamente o papel do... autor da história recontada. Algum tempo depois, ele foi autor de verdade de um texto para “crionças”, *A Comunidade do Arco-Íris*, estreada em Porto Alegre sob a direção de Suzana Saldanha.

Como vêem, embora bissexto, Caio foi ator, conheceu o palco por dentro. E bom ator. A última vez que comprovei esse fato foi quando da leitura que ele fez de sua peça recém-concluída: *O homem e a mancha*, na casa do ator Carlos Moreno, para quem a escrevera de encomenda. Essa leitura ficou-me na memória como uma deliciosa e tocante performance de comicidade e lirismo. Performance que, fiquei sabendo, repetiu publicamente em duas ocasiões, e com enorme sucesso, quando, já doente, voltara a morar em Porto Alegre.

Caio e eu pisamos juntos o mesmo palco em 1976, no espetáculo *Sarau das 9 às 11*, realização do Grupo de Teatro Província, dirigida por mim. Então fomos parceiros não só “nas tábuas”, como também “de pena”. O *Sarau* era uma peça de esquetes, e nós os escrevemos a quatro mãos. O último deles, *A maldição do Vale Negro*, foi retomado e ampliado dez anos depois para ser montado como um espetáculo completo. Essa recriação, uma encomenda do Teatro Vivo de Irene Brietzke, foi feita novamente em colaboração, durante os feriados de Carnaval, no apartamento de Caio na Haddock Lobo em São Paulo. Foram quatro dias de gargalhadas, latinhas de cerveja e pizzas por telefone. E muito café, além dos milhares de cigarros que ele fumava...

Fabricar uma obra de arte a dois é em princípio algo difícilíssimo. Mas não para nós. Tinha sido fácil nos esquetes do *Sarau* e continuou sendo na segunda versão da *Maldição*. Via de regra, redigíamos juntos: a frase que um inventava puxava a frase do outro. Mas podia acontecer também de um escrever uma cena e o outro retocá-la. Interferíamos

reciprocamente em nossas invenções sem nenhum constrangimento. Que sintonia era essa? Era como brincar juntos. Graças à montagem carioca de *A maldição do Vale Negro*, dividimos o Prêmio Molière de melhor autor de 1988.

Outra vez em que brincamos de teatro foi quando precisei de textos para um novo espetáculo de esquetes: *deColagem, 1977*. Caio produziu cinco diálogos curtos. O primeiro deles, o *Diálogo do companheiro*, uma pequena obra-prima, eu o refiz repetidas vezes e de variadas formas em outros espetáculos-colagem. Tamanha a minha “obsessão” por esse texto, que ele o dedicou a mim na abertura de seu livro de contos *Morangos mofados*. Uma outra dessas cenas avulsas, *O aborto*, acabou fundindo-se à peça de minha autoria, *Love, love, love*, montagem de 1981. “Fundiu-se” é a palavra, não fôssemos nós dramaturgos siameses. Todos esses diálogos, de uma página ou menos, serviram-me também de excelente material de exercício em minhas aulas de teatro.

A primeira investida independente de Caio na dramaturgia foi com *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*. Não saberia precisar a data em que foi escrita. Seguramente logo após os anos que ele viveu em Londres, nos inícios da década de 70, experiência que aparece transfigurada na peça. Só sei que a obra foi premiada num concurso do então SNT (Serviço Nacional de Teatro) e selecionada para leituras públicas em todo o Brasil. Participei como ator da leitura de Porto Alegre, no Teatro de Arena, dirigida por Nara Keiserman e musicada pelo também saudoso Carlinhos Hartlieb. Pouco tempo depois, a Censura Federal a interditou em todo o território nacional.

Após o *Leiteiro*, embora não regularmente, Caio Abreu seguiu escrevendo para o teatro. Vieram a já citada *Comunidade do Arco-Íris*, *Zona contaminada*, montada pela primeira vez no Rio de Janeiro por Gilberto Gawronski, e a admirável adaptação para a cena do romance *Reunião de família*, de Lya Luft, que Luciano Alabarse teve o privilégio de encenar em Porto Alegre. Esse trabalho é a melhor comprovação de que Caio foi dramaturgo de fato, e não um narrador, por diletantismo, pondo em diálogo suas histórias. Ele sabia e dominava a diferença de gêneros. Na operação por que passou em suas mãos o livro de Lya Luft, o épico vira dramático, o contar vira representar, a narração vira cena.

Curiosamente, não assisti a nenhuma dessas montagens. Por impedimentos normais, coisas da vida. Minha analista com certeza detectará algum ciúme meu vendo Caio fazer teatro com “outros”. Não há motivo para ciúmes, porém, mesmo inconfessados. A parceria interrompida por um tempo já foi retomada. Sua última peça, *O homem e a mancha*, o Garoto Bombril não quis realizá-la, e ela terminou nas minhas mãos e nas do ator Marcos Breda, outro amigo seu do coração. Quando a recebemos de um Caio já debilitado, ele nos disse: “Façam logo para dar tempo de eu assistir.”

Não faz um ano que Caio nos deixou. No momento em que ponho ponto final neste prefácio, estamos a uma semana da estréia de *O homem e a mancha*. Será no Theatro São Pedro. Certamente ele não vai perder.

Luís Artur Nunes

Porto Alegre, 14 de novembro de 1996.

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

É com imensa satisfação que saudamos esta segunda edição do *Teatro completo* de Caio Fernando Abreu. A primeira, lançada há 12 anos, há muito estava esgotada. Não foram poucas as vezes que, em casa ou em andanças teatrais pelo país, vinham nos perguntar sobre um relançamento, pelo visto muito desejado por gente de teatro e por fãs da obra de Caio.

Finalmente chegou o projeto da Agir e, com ele, a oportunidade de melhorarmos o volume que reúne a dramaturgia do nosso amigo. Em primeiro lugar, houve uma revisão rigorosa para sanar os muitos erros de digitação da publicação original. E quem melhor para fazer esse trabalho senão aqueles que conviveram intimamente com os textos em suas montagens de estréia? Foi com essa idéia que convidamos Luciano Alabarse, Gilberto Gawronski e Suzana Saldanha, responsáveis pelas encenações de *Reunião de família*, *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*, *Zona contaminada* e *A Comunidade do Arco-Íris*. Marcos Breda, que representou 103 vezes *O homem e a mancha* pelo Brasil afora, encarregou-se do mesmo, e para mim tocaram os *Diálogos* e as nossas parcerias: *Sarau das 9 às 11* e *A maldição do Vale Negro*.

Diálogos vinha, na primeira publicação, com o título geral de *Cenas avulsas*. Achamos melhor a troca, pois foi dessa forma que o próprio Caio os intitulara.

No caso da paródia de melodrama, houve uma correção importante. Os personagens do cigano Vassili e da cigana Jezebel devem expressar-se em espanhol correto. Nunca foi intenção dos autores que

falassemportunhol. Mas cometemos - Caio e eu - alguns atentados ao idioma ao escrever essas falas. Por ocasião da segunda montagem carioca, a atriz que interpretava Jezebel - Carolina Virgüez, colombiana de nascimento - prestou preciosa colaboração, corrigindo os erros; correções que foram incorporadas nesta reedição. A Carol, nosso agradecimento.

O texto de *Sarau das 9 às 11* também sofreu modificações. O *Sarau* foi idealizado como uma colagem de textos de diferentes autores. Desses, quatro foram escritos em parceria por mim e Caio. O último era a primeira versão, curta, de *A maldição do Vale Negro*, que dez anos mais tarde seria por nós reelaborada como uma peça completa, a qual aparece separadamente no volume. Por essa razão, deixamos fora do *Sarau* o seu primeiro tratamento. Por motivos óbvios, permaneceram de fora também as passagens de outros escritores, e foi retirado o quadro “Eles”, presente na primeira edição. “Eles” já tinha sido cortado pelos próprios autores por ocasião da montagem de estréia. Portanto, nunca fez parte da versão definitiva da peça.

Além disso, tive a felicidade de descobrir nos baús da vida o manuscrito original utilizado nos ensaios do *Sarau das 9 às 11*. Como se sabe, muitas alterações são feitas no processo de ensaio, ainda mais nesse caso em que os próprios autores eram responsáveis pela montagem do espetáculo. Tais alterações foram aqui incorporadas.

As peças estão agora reordenadas na ordem cronológica de suas montagens de estréia e vêm acompanhadas de suas respectivas fichas técnicas.

Esperamos assim termos contribuído para uma edição muito mais cuidada e rigorosa do *Teatro completo* de Caio Fernando Abreu.

Como ele merece.

Luís Artur Nunes

Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 2008

SARAU DAS 9 ÀS 11

(Em colaboração com Luís Artur Nunes)

1.º QUADRO: OUVERTURE

PERSONAGENS

Madame de Alencastro

Monge do Restelo

Baby

Deborah

Bóris, um homem-tronco

Ego

Este é um quadro de monólogos entrecruzados. As falas dos personagens repercutem umas nas outras sem que haja qualquer diálogo ou contraponto explícito entre eles. Habitam áreas estanques do palco. Ao fundo, uma figura de altura desmesurada, vestindo um manto negro que só deixa de fora o rosto de alvaíade. É o EGO, que a tudo preside, mas só se manifesta no final como um oráculo de nonsense. MADAME DE ALENCASTRO, velha dama de negro e sotaque português, traz numa coleira um homem-tronco, BÓRIS, que geme sons inarticulados. O MONGE DO RESTELO é uma figura visionária de capa vermelha, a imprecar vaticínios apocalípticos. BABY e DEBORAH são representantes da juventude da época. Ela, jeans e discurso de protesto. Ela, sex, drugs & rock-'n-roll.

MADAME – Suavemente plantada entre os rochedos da harmônica Costa do Sol, Taormina foi o cenário onde transcorreu aprazível a minha infância. Reis destronados, ditadores depostos, envelhecidas estrelas de cinema conviviam com magnatas do jet set internacional e com a antiqüíssima aristocracia local. Nesse ambiente eu me criei. Isolados da turbulência do mundo, vivíamos em mansões cercadas de jardins, bosques e fontes, por onde ninfas e sátiros se perseguiam amorosamente. Éramos servidos por exércitos de empregados, que nos amavam e respeitavam, e eram capazes de dar a vida por nós. Recepções, jantares, bailes de máscaras, festas à beira da piscina, piqueniques no campo, partidas de críquete, era uma festa sem fim. Hoje tudo mudou. Os rebeldes venceram, tomaram conta, ocuparam tudo, e tivemos todos que fugir às pressas. Mas naquele tempo não havia rebeldes.

MONGE (*Para Baby.*) – Tu continuas fazendo parte daquele balão colorido que subiu embalado por música, política, drogas, e que explodiu.

BABY – Quem é você para colocar um epitáfio sobre mim? Quem é você para dizer que não dei certo? Por acaso você deu? Olhe dentro do meu olho e me responda: você se sente feliz? Você tem esperança? Eu não. Eu, cruamente, não.

DEBORAH – E pensar que eu passei todo esse tempo investindo no meu know-how...*

MADAME – À tardinha, quando fazia calor, passeávamos pela alameda da quinta de Don Juan do Franco-Condado, ou tomávamos chá sob o caramanchão nos jardins de Humberto de Bourbon, ex-rei de Sabóia. Éramos visitados pelo rei de Roma, pelo arcebispo da Cantuária, pelo ex-ditador Simeon da Lituânia e pelo regente Von Koseritz, de Sarajevo. E em noites de lua cheia desfilávamos todos a nossa beleza, a nossa graça e o nosso charme à beira-mar.

DEBORAH – E pensar que eu quase me danei apostando no meu background...

MONGE – Ao romper do sétimo selo, far-se-á silêncio no céu. Então os anjos com suas trombetas preparar-se-ão para tocar.

BABY – Quando olho para mim mesmo, não gosto do que vejo. Mas quando olho para você, gosto muito menos. Os amigos desapare-

* As falas de Deborah são os versos de uma canção de Rita Lee

cem no momento exato em que você precisa deles. O mundo te machuca. As pessoas te empurram nas filas, dentro dos ônibus, nas esquinas. Tudo grita na sua cara que você não vale absolutamente nada. Quando olho para você, quando olho para mim, não posso evitar de pensar que o homem é apenas um animal que não deu muito certo.

MADAME – Lembro-me ainda de uma grande festa a que fui aos 15 anos de idade, no palacete de Otto Mariño, o rei do manganês, em que a princesa do Shiraz representou o nascimento de Vênus, emergindo de uma fonte de champanha coberta apenas por um manto de asas de borboleta. Não, nunca mais voltei a Taormina desde que os rebeldes venceram. Não suportaria ver aquelas casas vazias, fechadas, silenciosas, ou então transformadas em casernas e hospitais. Acabou tudo.

MONGE – O primeiro anjo tocará a trombeta - e cairá uma saivada de fogo misturada com sangue, que será atirada sobre a terra. Queimar-se-á a terça parte da terra, a terça parte das árvores, e toda a grama verde perecerá no fogo.

DEBORAH – Ando jururu. *I know not what to do.*

BABY – Quem se importa com o meu olho escancarado e cheio de desencanto? Quem, entre todos vocês, estenderá a mão para passar no meu cabelo? Quem cantará um acalanto para a minha insônia?

DEBORAH – Quero encontrar pelo caminho um cogumelo de zebu.

MADAME – Fiquei sabendo outro dia que minha madrinha, a poetisa Florbela Ortigão, tem agora que cozinhar a sua própria comida. Não, eu não suportaria presenciar uma coisa dessas. Nunca mais retornarei a Taormina. Não quero ver as paredes brancas de suas casas cobertas de inscrições em vermelho e negro: “Abaixo a tirania”, “Morreram os opressores”.

MONGE – O segundo anjo tocará a trombeta – e como um monte de fogo lançar-se-á ao mar, e a terça parte do mar mudar-se-á em sangue, e perecerá um terço das criaturas que vivem no mar, e um terço dos navios irá a pique.

DEBORAH – E descansar os meus olhos no pasto, descarregar esse mundo das costas.

BABY – Não espero nenhum olhar, não espero nenhum gesto, não espero nenhuma cantiga de ninar. Por isso estou vivo. Pela minha absoluta desesperança, meu coração bate ainda mais forte. Quando não se tem mais nada a perder, só se tem a ganhar. Quando se pára de pedir, a gente

está pronto para começar a receber. O futuro é um abismo escuro, mas pouco importa onde terminará a minha queda. De qualquer forma, um dia seremos poeira. Quem é você? Quem sou eu? Sei apenas que navegamos no mesmo barco furado, e nosso porto é desconhecido. Você tem seus jeitos de tentar. Eu tenho os meus. Não acredito nos seus, talvez também não acredite nos meus próprios. Não lhe peço que acredite em mim.

MADAME – Tivemos todos que fugir em debandada. Muitos, na pressa, deixaram para trás uma avozinha cega, um irmão entrevado, uma tia louca. Tivemos que vender nossos automóveis de luxo, nossos iates e palacetes. Os industriais de Santa Lucia tiveram todos os seus bens confiscados e as contas bancárias bloqueadas pelo governo rebelde. Soube também que faliu a revista *Grand-Monde*, especializada na crônica da vida mundana. E a famosa confeitaria Garcez & Bernard, cuja mais famosa especialidade eram os docinhos conhecidos como “ossinhos de Santa Catarina” – a confeitaria, dizia, teve as suas instalações transformadas num depósito de armamentos.

MONGE – O terceiro anjo tocará a trombeta – e cairá do céu um grande astro, luminoso como um archote, e virá tombar sobre a terça parte dos rios e das fontes d’água. Chamar-se-á “absinto”, esse astro. Converterá em absinto a terça parte das águas, e muitos homens morrerão dessas águas, porque se tornarão amargas.

BABY – Quanto a mim, acredito nas plantas, nos animais. Acredito nos astros, nas águas. Acredito no vento que sopra da banda do rio quando o sol acaba de se pôr. Acredito na pedra bruta, na areia seca.

DEBORAH – Eu só quero fazer parte do backing vocal, e cantar o tempo todo: shoobedoo-down-down, shoobedoo-down-down.

MADAME – Tudo mudou. Não me iludo. Tudo acabou.

MONGE – O quarto anjo tocará a trombeta.

MADAME – E o que foi não voltará mais a ser. Ainda hoje tive a compreensão final.

MONGE – E será ferida a terça parte do Sol, a terça parte da Lua e a terça parte das estrelas.

MADAME – Li no jornal que os imortais da Academia de Letras, Ciências e Artes foram todos mortos.

MONGE – De maneira que se lhes escurecerá a terça parte do céu, e deixará de resplandecer a terça parte do dia e da noite.

MADAME – Fuzilados.

MONGE – Quem tiver ouvidos, ouça.

MADAME – Ainda na semana passada, a única figura daqueles tempos que se mantinha em pé era o velho Cônsul de Pasca, que foi visto sexta-feira no restaurante La Tour d’Ivoire, outrora um dos mais luxuosos da cidade, hoje submetido ao regime de autogestão.

MONGE – Quem reduzir o outro ao cativo será cativo ele mesmo.

MADAME – Tomou dois cálices de vinho do Porto e encomendou o jantar: “Yo quiero un poco de caviar, un paté trufado de Estrasburgo, un buen tinto y nada más”, disse.

MONGE – Quem ferir pela espada, pela espada morrerá.

MADAME – Terminada a refeição, ninguém mais o viu.

A partir desse momento, os personagens fazem perguntas ao EGO, que lhes responde com enigmas, como um oráculo. O primeiro é BÓRIS, o homem-tronco, que apenas lança um gemido.

EGO – Trás ahora viene lo que fue antes; y antes fue lo que será ahora.

BABY (*Para Ego.*) – Como posso acreditar outra vez no humano?

EGO – Muitas gerações passaram. E muitas passarão.

DEBORAH (*Para Ego.*) – Cadê a minha banda? Cadê o meu rock?

EGO – Solicite intercâmbio. Ask for interchange. Demandez de l’interchange.

MADAME (*Para Ego.*) – Onde estão meus andores? Onde estão meus ouropéis? Onde estão meus cristais?

EGO – Mantenha seu equilíbrio sobre o fio da navalha.

MONGE (*Para Ego.*) – Quando será finalmente aberto o último seio?

EGO – Bevete più latte.

2º QUADRO: COMO ERA VERDE MEU VALE

Monólogo auto-explanatório.

Cena: um hospital para doentes mentais.

Como era bonito lá. A gente sentava embaixo da figueira e ficava vendo o sol se pôr atrás dos morros. A casa era branca e fresca. A

gente via o rio dum lado e os morros do outro. Mas a gente via mesmo só à tardinha, porque de dia era tanto trabalho que a gente nem tinha tempo de olhar pros lados. E mesmo quando tinha muito trabalho – tirar leite das vacas, recolher os ovos no galinheiro, arar a terra, plantar o milho –, mesmo assim, era sempre bonito lá.

Foi numa dessas tardes que a gente viu o trem. Lembro que a Zefa vinha descendo os degraus da casa com o mate numa das mãos e a chaleira na outra. De repente ela parou e apontou pro lado do morro. Fazia tempo que uns homens do governo trabalhavam na estrada de ferro. Todo dia a gente podia ver os caminhões passando lá embaixo na estrada, carregados de trilhos e umas máquinas que eu não conhecia. A Zefa ficou tão nervosa que derrubou a cuia no chão e virou a água quente da chaleira. A gente pensou que ela tivesse se queimado. Mas ela riu e disse que não era nada. Ficou apontando e olhando. Aí a gente parou de conversar e ficou todo mundo olhando o trem. De longe parecia pequenininho, quase como uma cobra na encosta daquele morro grande. E o sol se deitando por trás.

Um tempo depois vieram as casas. A minha propriedade não era muito grande. Então as cercas das outras casas começaram a se aproximar e a gente foi ficando espremido ali, em cima daquele morro onde ficava a nossa casa. Veio também a fábrica de cimento. O povo da vila dizia que era bom, que era o progresso que tava chegando, e agora todo mundo ia ter trabalho e ganhar bastante dinheiro. Mas a fábrica largava uma fumaça branca que caía em cima das árvores e das verduras. Depois dum tempo as plantas começavam a murchar, os peixes do rio foram morrendo todos, as árvores perdiam as folhas e a terra não dava mais nada.

A terra foi ficando tão imprestável, e as cercas se aproximaram tanto, que o Clodomiro, meu filho mais velho, resolveu vender tudo e mudar pra Canoas. A terra tava no nome deles, eu tenho cinco filhos e os cinco tavam casados e precisavam de dinheiro. O Clodomiro falou que as crianças precisavam de escola, que ele não queria que eles crescessem uns ignorantes que nem eu, que não sei ler nem escrever. Eu não queria vender, eu achava muito bonito lá. Quem sabe se a velha ainda tivesse viva o Clodomiro não tivesse vendido. Ela era uma mulher mais braba, quando entesava de querer uma coisa não tinha ninguém no mundo capaz de fazer ela mudar de idéia. Mas ela tinha morrido já faz muito tempo, e eu não podia fazer nada. Quando a gente fica velho

os filhos não ligam mais pros palpites da gente. Então o Clodomiro vendeu a terra e a gente se mudou pra Canoas.

Ele tinha dito que a gente ia morar numa casinha que nem a outra, e que eu podia plantar no pátio. Mas era um pátio tão cheio de pedra que nem urtiga nascia lá. Eu fui ficando triste. Eu não conseguia mais dormir e de noite ficava andando pela casa, falando comigo mesmo. Eu sempre repetia: “Como era bonito lá, como era bonito lá.” E ficava andando da cozinha pra sala, da sala pro banheiro, do banheiro pro quarto, pensando na figueira e nas coisas que a gente conversava embaixo dela. As crianças acordavam com os meus passos, choravam e tinham medo de mim. A minha nora reclamava todo dia, dizia que não era bom pras crianças. Os vizinhos cochichavam quando eu saía no portão. Eu tinha um pouco de medo de sair pra fora, por causa do barulho dos caminhões na feira perto de casa.

Eu fui ficando cada vez mais triste. Eu já não conseguia nem comer nem dormir direito. A minha nora reclamava cada vez mais, não queria lavar as minhas camisas, dizia que eu parecia um bicho numa jaula. Eu não brigava. Eu só suspirava e repetia: “Como era bonito lá, como era bonito lá.”

Aí um dia eles disseram que eu tava louco, me botaram numa camisa-de-força e me trouxeram pro hospício.

3.º QUADRO: BONECOS CHINESES*

PERSONAGENS

A (uma dona de casa) e B (seu cunhado)

B – Os pássaros são livres.

A – Ah, você está aí.

B – Sim, estou aqui.

A – O que é que você falou?

B – Eu disse que os pássaros são livres.

* O quadro recebeu o título de “Bonecos Chineses” porque, no espetáculo, sua encenação inspirou-se no exercício de mesmo nome desenvolvido pelo grupo americano Performance Group, em que atores manipulam outros atores como se fossem bonecos.

A – E o que é que me importa isso?

B – É preciso agradecer.

A – Muito bem, então agradeça.

B – E você? Não vai fazer o mesmo?

A – Fazer o quê?

B – Simplesmente agradecer.

A (*Ri.*) – Você acha que eu tenho tempo pra essas bobagens?

B – Você já fez sua saudação ao dia?

A – Ora, escute aqui, eu tenho mais o que fazer do que ficar ouvindo essas besteiras. E tome o seu café de uma vez, se não você vai terminar chegando atrasado no seu emprego.

B – Sabe, hoje, com a minha ajuda, você vai se visitar.

A – Escute, você acordou hoje com o quê, hein?

B – Com a luz do sol.

A – Eu tenho mais coisas a pensar do que na luz do sol.

B – Por exemplo?

A – Por exemplo? Eu já vou lhe dizer, meu querido cunhado. Tenho que lavar a sua roupa e a do seu irmão. Tenho que limpar a casa, arrumar as camas, fazer comida pra vocês. Você acha pouco tudo isso?

B – Acho que falta mais alguma coisa.

A – Eu sei que eu tenho muitas outras coisas a fazer. E pra isso eu preciso de tempo. E você está me fazendo perder tempo, sabia? E você também está perdendo tempo. Há muito que já devia ter ido trabalhar.

B – Não se preocupe, eu não tenho esses problemas de tempo. O tempo não existe pra mim.

A – É claro que você não tem esses problemas. Não é você quem paga o aluguel. Você tem casa, comida, roupa lavada. O salário que traz pra casa não paga nem o papel higiênico que você gasta. E mesmo que você perca o emprego de tanto chegar atrasado e não contribua com dinheiro algum pra casa, tem aí o trouxa do teu irmão que te sustenta. Eu já estou é farta de você!

B – Não há tempo a perder. Não é assim que você pensa?

A – Claro. É assim que eu penso. Vá trabalhar logo e me deixe trabalhar também.

B – E onde está o seu outro lado?

A – O que é que você está dizendo?

B – Aquele lado que não faz você escrava, mas senhora de si mesma.

A – O que eu sei é que eu sou senhora do teu irmão.

B – Ah, e isso é tudo pra você?

A – Eu não me casei com ele? Se eu fosse senhora de mim, eu não estaria aturando você todo esse tempo aqui dentro da minha casa. Se dependesse de mim, a situação seria bem diferente.

B – Depende de você. Se você quiser, eu posso ajudá-la a mudar a situação agora. Quer?

A – Bom, pelo menos você parece disposto a colaborar.

B – Estou mais disposto a colaborar do que você pensa. Escute, vou lhe revelar um segredo. Chegue um pouco mais perto.

A – Muito bem, revele esse segredo logo e vá andando.

B – Eu quero brincar com a sua cabeça.

A – Escute uma coisa. A minha paciência tem limites. Isto é uma falta de respeito! Onde já se viu uma coisa dessas? Debochar de mim na minha cara! Eu não admito, ouviu! Não admito essas brincadeiras de mau gosto! Seu vagabundo! Parasita! Explorador!

B – Sabe de uma coisa? Você fala demais, se mexe demais, faz coisas demais, tudo demais!

A – Pare com isso! Pare com isso!

B – Pare você. Experimente parar um pouco. Pare. De qualquer jeito você vai morrer um dia.

A – O que é que você está pretendendo?

B – Cale-se.

A – O que é isso?

B – Cale-se. Escute o silêncio.

A – Você está é louco.

B – Escute.

A – Escutar? Mas eu não estou ouvindo nada.

B – Você não é a única pessoa do mundo. Esta não é a única casa. Este não é o único país do mundo. Este não é o único planeta. Nem o único sistema solar. Você não passa de uma poeira. Mas, sendo uma poeira, você é tudo também: uma pessoa, a casa, o país, o planeta, o sistema solar, o universo...

A – O que está acontecendo? O que foi que deu em você?

B – Estou cansado. Cansado da sua infinita burrice. Cansado da sua mesquinha!

A – Eu é que estou cansada de você!

B – E do seu medo, da sua mediocridade, da sua falta de sentido!

A – O que você quer dizer com tudo isso? Eu acho melhor você ir embora da minha casa já e já!

B – Está bem. Eu vou. Adeus.

A – Vá, vá! É melhor mesmo que você vá de uma vez. (*Pausa.*)
Espera!

B – Ah, me chamou? Você não queria que eu fosse embora?

A – Não... não desta maneira, pelo menos. Desculpe. Vamos conversar com calma.

B – Você não estava cansada de mim?

A – Estou cansada, simplesmente. Deixa eu buscar uma cadeira.

B – Bunda mole. Você deve ter varizes, não é?

A – O quê?

B – E hemorróidas.

A – Tenho. No rabo.

B – E problemas digestivos!

A – Também!

B – E caspa!

A – Também!

B – Conheço todos os seus males.

A – Claro! Você é um deles!

B – São típicos. Tudo em você é típico. Característico.

A – Eu acho melhor você acabar com essas agressões, que eu não vou agüentar. E pare de andar ao meu redor que eu fico tonta.

B – Você não chega a ser uma pessoa.

A – O que é isso? Eu não entendo essa conversa! Você está me deixando louca!

B – Você é mais um conjunto de reações do que propriamente um ser humano.

A – Que conjunto de reações, coisa nenhuma! O que é isso, meu Deus? Pare com isso! Pare de falar difícil! Você está louco, está fora da realidade! Está no mundo da lua! Desça, desça, é aqui a realidade!

B – Esta é a *sua* realidade. A minha é outra.

A – A *noossa*, querido cunhado. Você está aqui dentro comigo.

B – *Você* está aqui dentro. Eu não.

A – E onde é que você está?

B – Eu? Eu estou no ar, no fogo, na terra, na água, no éter... dentro de mim... e dentro de você...

A – Meu Deus, isto está cheirando a bruxaria! Umbanda! Espiritismo! Eu sou católica praticante, está ouvindo? Eu não admito isso na minha casa! Pare com isso imediatamente!

B – Parei.

A – Eu me sinto insultada, humilhada.

B – Mas eu já disse que posso te ajudar.

A – Não acredito em você. Você só sabe me explorar, me irritar, me torturar. Me ajudar! Tem graça! Em que você poderia me ajudar?

B – Eu podia te ajudar a encontrar.

A – Encontrar o quê?

B – Você mesma.

A – Eu?

B – Sim, você se perdeu a si mesma.

A – Mas como me perdi? Eu me acho todos os dias. No tanque, na cozinha, no supermercado... Eu estou sempre me achando.

B – Você se engana. Você não se acha nunca. Pra você se achar, é preciso começar pensando.

A – Em quê?

B – Pense.

A – Mas concretamente, me diga, concretamente em quê? Na minha vida? Mas a minha vida é tão feia. Eu não gosto de pensar nela.

B – Pense em você mesma.

A – Em que parte de mim? Eu sou composta de muitas partes: cabeça, tronco e membros.

B – No seu interior.

A – No meu interior? No meu interior eu tenho vísceras, eu tenho pulmões, eu tenho coração, útero..

B – Na sua cabeça.

A – Na minha cabeça? A minha cabeça dói. O que é que eu faço com ela?

B – Pense.

A – Mas eu penso. Penso no banho das crianças.

B – Detalhes!

A – Nas cortinas que eu tenho que mandar lavar!

B – Detalhes, já disse. Pense!

A – Na pilha de roupas pra passar.

B – Frescura! Pense!

A – Em levar as crianças pro colégio. Em buscar as crianças no colégio.

B – Insignificâncias! Continue pensando!

A – Mas em quê, meu Deus, em quê? Me explique, pelo amor de Deus!

B – Eu já disse. Em você. Em você.

A – Há muito tempo que eu não penso em mim. Acho até que me esqueci de mim.

B – Quando foi que você se esqueceu de si mesma?

A – Não sei, só sei que faz muito tempo.

B – Tente se lembrar. Eu vou virar de costas. Faz de conta que eu não estou aqui.

A – A última coisa que eu me lembro de mim é quando eu tinha sete anos. Eu gostava de brincar no jardim, debaixo de uma bergamoteira, frondosa, colorida, cheia de bergamotas. Eu gostava de ficar olhando para ela. Eu conversava com ela. O vento soprava e ela abanava as folhinhas pra mim como se me respondesse. Tão bonito. Eu ficava tão calma, tão tranqüila, que até adormecia ao pé da árvore, e acordava com os gritos da minha mãe mandando eu tomar banho, lavar as mãos e os joelhos, que estavam pretos. Eu não via nada de errado nisso. Era até bonito. As mãos ficavam coloridas e os joelhos também, como se fossem umas máscaras pintadas. Faz tanto tempo isso, eu já nem me lembro direito. Às vezes eu penso nisso tudo e chego a sentir um pouquinho daquela alegria. Mas aí tudo desaparece. E estou cansada. Eu acho que não consigo mais nem pensar. É tão difícil pensar. As coisas fogem da minha cabeça quando eu me esforço. E só fica o cansaço, o corpo doído, vontade de me atirar na cama e chorar. Eu não quero pensar mais nisso aqui. Diga alguma coisa. Você acha ridículo tudo o que eu contei?

B – Não, não acho. E digo mais. Acho que você pode voltar a falar com a sua bergamoteira.

A – Ora, isso não é coisa pra uma mulher da minha idade. E, além disso, ela não existe mais.

B – Existe, sim. Olhe, eu sou a bergamoteira. Venha, aproxime-se. Fale comigo.

A – Você acha que vai dar certo?

B – Tente.

A – Eu tenho vergonha.

B – Vem cá, vem falar comigo.

A (*Ri, envergonhada.*) – Eu não posso. (*Hesita, aproxima-se lentamente.*) Oi.

B – Oi. Há quanto tempo você não vinha aqui.

A – Desde anteontem.

B – Eu já estava com saudades de você.

A – Eu também estava. Mamãe não deixou eu vir ao jardim ontem. Eu tinha sabatina e tive que ficar no meu quarto estudando.

B – Que pena.

A – Esta bergamota é nova. Eu não conhecia ela. Esta eu já tinha visto. Esta outra aqui também. E aquela ali. Mas esta aqui é nova.

B – Quantas bergamotas eu tenho hoje?

A (*Conta.*) – Sete.

B – Já pensou no que isso significa?

A – Não.

B – Sete é número cabalístico.

A – Eu sei, de bruxaria.

B – Não, ele representa força, coragem.

A – E daí?

B – E daí, você tem uma chave em suas mãos.

A – Acho que entendi. Se eu comer as sete bergamotinhas eu encontro... eu encontro... O que é que eu encontro?

B – Não sei. Isso só você é que vai saber.

A – Mas você não vai sentir dor quando eu arrancar elas do galho?

B – Não. Pode colhê-las. A natureza é livre. E você é parte dela.

A – Então eu vou colher. Tem certeza que não vai doer?

B – Não tenha medo. Vá em frente.

A – Uma... duas...

B – Não pare. Continue.

A – Aquela bonitinha... Três...

B – Vamos, não recue. Acredite.

A – Quatro... cinco... aquela gordona... Seis...

B – Só mais uma, vamos.

A – Sete... Me encontrei... e me perdi.

“Caio sempre foi extremamente perfeccionista com sua obra. Revisou quase todos os seus escritos, pouco antes de sua partida. Inclusive alguns textos inéditos, engavetados, reunidos no livro *Ovelhas negras*. Ele mesmo dizia: 'Não quero que abram meu baú, após minha morte, e publiquem porcarias.' Caio antecipou-se, revisando e lapidando seus guardados, publicando-os e, posteriormente, dando fim ao escritos que – segundo sua opinião – não tinham valor literário.

Eu e Luis Artur Nunes partimos para uma busca paciente e minuciosa e, ao cabo de alguns meses, conseguimos reunir e organizar toda a sua dramaturgia. É um livro destinado aos inúmeros apreciadores da obra de Caio e, principalmente, um livro para os amantes de teatro. De ótimo teatro, bem entendido.”

MARCOS BREDA

A
AGIR

